

RE/ESCRITURAS

A TERCEIRA MARGEM DO DIABO: A RECEPÇÃO NORTE-AMERICANA DA OBRA DE JOÃO GUMARÃES ROSA¹

Charles A. PERRONE²

- RESUMO: O presente trabalho visa avaliar assuntos significativos da fortuna crítica de João Guimarães Rosa (JGR) envolvendo a tradução, a reação pública, a recepção jornalística, a crítica acadêmica, e o ensino universitário na América do Norte. O escritor se preocupava com todos os detalhes da recepção no exterior, intervinha no processo da tradução, e mantinha correspondência com os tradutores. As versões para a língua inglesa não tiveram sucesso editorial. Atribuir isto à baixa qualidade das traduções, sobretudo a de *Grande Sertão: Veredas*, é simplificar a realidade. Os livros receberam um apoio especial de um editor enérgico nos EUA, e a maioria das resenhas foram bastante positivas. Além de fatores mercadológicos, a fortuna de JGR nos EUA como autor e como objeto de estudo tem tido muito a ver com o caráter único dos originais e com o relacionamento de JGR com o *boom* da narrativa hispano-americana. Houve naturais limitações na crítica jornalística nos anos 60, mas desde então JGR mantém uma presença em currículos universitários e na crítica acadêmica especializada, tanto comparatista quanto brasilianista, incluindo professores brasileiros residentes ou visitantes. Ponderam-se possibilidades de expansão dos estudos rosianos.
- PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa; *Grande Sertão: Veredas*; recepção; tradução.

O presente trabalho visa avaliar assuntos significativos da fortuna crítica de João Guimarães Rosa (JGR) envolvendo a tradução, a reação pública, a recepção jornalística, a crítica acadêmica, e o ensino universitário na América do Norte³. Como atesta o bem organizado arquivo pessoal que deixou (hoje no Instituto de Estudos Brasileiros, USP), o escritor se preocupava com todos os detalhes da recepção, tanto no Brasil quanto no exterior. Intervinha no processo da tradução, mantendo prolongada e minuciosa correspondência com os tradutores, sobretudo o italiano, a principal tradutora norte-americana e o alemão, tendo este último afirmado não conhecer escritor “que se tenha, como JGR, interessado tanto pelo problema da tradução, da transplantação” (MEYER-CLASON, 1968, p. 6). Apesar de muita boa vontade e de continuados esforços, as versões para a língua inglesa não tiveram sucesso editorial.

¹ Este trabalho apareceu na revista *Calibán* 2 (1999) do Rio de Janeiro e é republicado aqui com a permissão do autor e com agradecimentos aos editores da *Calibán*.

² Department of Romance Languages and Literatures – University of Florida – FL 32611-7405 – Gainesville – USA – perrone@ufl.edu

³ Trata-se principalmente dos Estados Unidos (EUA), mas o Canadá figura naturalmente também. Autores do Reino Unido são pertinentes na medida em que publicam nos EUA e participam dos círculos intelectuais norte-americanos.

A falta de maior resposta do mercado tem sido atribuída por muitos à baixa qualidade das traduções, sobretudo a de *Grande Sertão: Veredas* (GS: V). Os livros têm evidentes problemas neste sentido, mas há que se considerar que receberam um apoio especial de um editor enérgico e que as resenhas foram, na maioria, bastante positivas. Além de fatores mercadológicos, a fortuna de JGR nos EUA como autor e como objeto de estudo tem tido muito a ver com o caráter único dos originais e com o relacionamento de JGR com o *boom* da narrativa hispano-americana. Houve naturais limitações na crítica jornalística nos anos 60, mas há 30 anos JGR mantém uma presença, restrita porém sólida, em currículos universitários e na crítica acadêmica especializada, tanto comparatista quanto brasilianista, incluindo professores brasileiros residentes ou visitantes. Ponderam-se também possibilidades de expansão dos estudos rosianos.

Existem traduções para o inglês de *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 1963 – *The Devil to Pay in the Backlands*), *Sagarana* (ROSA, 1966), *Primeiras histórias* (ROSA, 1968 – *The Third Bank of the River and Other Stories*), e de alguns contos avulsos (por exemplo, ROSA, 1978). Os primeiros dois livros foram feitos por empenho da destacada tradutora Harriet de Onís e do dedicado editor Alfred A. Knopf, que investiu bastante nos projetos, afetiva e financeiramente. Onís, responsável pela versão inglesa de tantas obras hispano-americanas, interessara-se por JGR ao ler o conto “Duelo” numa revista argentina, e o traduziu para uma publicação nos EUA (ROSA, 1960). Ao saber da proposta de lançar JGR, o preeminente tradutor Gregory Rabassa advertiu a editora Knopf, o empresário-livreiro que mais fez pelas letras da América Latina nos EUA: “este sujeito é provavelmente um dos ossos mais duros de roer que já apareceram. Acontece que ele é bom. Eu colocá-lo-ia junto a Borges, talvez até melhor a longo prazo” (apud ROSTAGNO, 1997, p. 43). No início dos anos 60, além de obras de história literária pioneiras como *Brazilian Literature* (1922), de Isaac Goldberg; *The Marvellous Journey* (1948), de Samuel Putnam; e *Brazil's New Novel: Four Northeastern Masters* (1954), de Fred Ellison, só havia uns vinte títulos brasileiros traduzidos (em grande parte pela mesma editora Knopf), incluindo *Dom Casmurro* de Machado de Assis (1953), *Anguish* (1946) de Graciliano Ramos, *The Masters and the Slaves (Casa Grande e Senzala)* (1946) de Gilberto Freyre, e, de Jorge Amado, *The Violent Land (Terras do sem fim)* (1945) e *Gabriela, Clove and Cinammon* (1963), o qual, sem ser o *best-seller* que foi no Brasil, foi um grande sucesso. Amado prefaciou o livro de estréia de JGR nos EUA, tentando explicar o lugar dele na literatura brasileira e enaltecendo-o. Mas, no fim das contas, a estatura de JGR não seria medida. Embora houvesse muitas resenhas de GS: V traduzido (o próprio JGR arquivou 27 em 1963) e muitos louvassem o romance, este em geral foi mal compreendido pela imprensa, que o viu como uma espécie de *Western*. Onís adoeceu durante a tradução, que foi terminada por Taylor, um especialista em léxico mas não em tradução literária. Só alguns poucos acadêmicos puderam apreciar os aspectos textuais essenciais e a importância da publicação. Nas palavras da pessoa que mais detidamente estudou a recepção de obras latino-

americanas nos EUA: “Agradando apenas a um pequeno grupo, o livro existiu num tipo de vácuo crítico” (ROSTAGNO, 1997, p. 44). Não houve segunda impressão, e hoje só se consegue *The Devil to Pay in the Backlands* (ROSA, 1963) através de procura especial (cf. o catálogo da maior livraria virtual, amazon.com). *Sagarana*, embora vertido com maior esmero (recebeu o prêmio de melhor tradução do Pen Clube de 1967), também foi um desapontamento em termos de mercado. Onís ficou tão cansada com esses projetos que cedeu a tradução de *Primeiras histórias* a outra profissional (que, no prefácio, admite ter simplificado a linguagem propositadamente). Esse segundo livro de contos tampouco foi sucesso nem ficou em catálogo. O editor também lamentou que trabalhos tão árduos tenham alcançado resultados tão pequenos. Por outro lado, com duas boas traduções (ROSA, 1968 e 1967a), o conto “The Third Bank of the River” apareceu em todas as antologias pertinentes de ficção latino-americana (cf. ROSA, 1967b, 1973, 1974, 1977, 1991, 1996a) e se estabeleceu como obra e conceito representantes de JGR.

Garcia (ver 1975a, 1975b, 1975c, 1975d) acompanhou todas as resenhas dos três livros na grande imprensa, notando que só três de quarenta resenhistas tinham alguma relação com o Brasil, o que para ele explica em parte as limitações da recepção crítica. É curioso que o pior caso de desinformação apontado por Garcia seja o de um professor especializado em entrevistar autores (HARSS, 1967), o qual, entre outras coisas que chamam a atenção, afirmou que Machado de Assis era mineiro. No que se refere a GS: V, apesar de reconhecer que uma tradução “verdadeira” seria impossível, Garcia surpreende-se com um resenhista que não condenou a de Onís e Taylor, e sugere que a relativa indiferença pelo grande romance poderia ser atribuída à tradução, que tanto deixou a desejar.

A versão de GS: V até eliminou frases e passagens difíceis (embora não o episódio da matança dos cavalos, como asseverou uma anotação da importante antologia Borzoi [MONEGAL, 1977]) e, com efeito, foi o maior alvo de críticos acadêmicos lusofalantes, cientes dos problemas inevitáveis no transplante do idioleto literário de JGR. Um antólogo explicou: “É precisamente esta linguagem ricamente trabalhada e densamente idiossincrática que apresenta obstáculos quase insuperáveis aos tradutores . . . os leitores acharão apenas uma sombra pálida do original” (TOLMAN, 1978, p. 139). O atencioso Vincent (1978, p. 71-5) examinou as implicações da prosa de JGR para tradutores, comparando um trecho do original de GS: V, de um lado, com a versão de Onís e Taylor, suavizada e mais comunicativa, e, de outro, com sua própria versão, literal mas paradoxalmente mais fiel. Numa outra alta vulgarização de JGR, verte-se uma passagem típica para prosa literária equivalente a fim de se demonstrar a distância entre o publicado e o potencial (PERRONE, 1987, p.124). Para uma nova variante há certas soluções claras – começando com algo semelhante a “nonada”, como o justificável *naughtin[g]* em vez do simples *nothing* que usaram – sem que haja uma solução global evidente. Uma estudiosa fez sugestões muito pertinentes enfatizando a criação vocabular (MERRIM, 1982), que aplicara

brevemente a *Tutaméia* (MERRIM, 1981). Quase todos os que criticaram a tradução de GS: V não apontam uma solução, conforme observação de Armstrong, que termina por questionar, em vista da intensa promoção da editora e das resenhas razoáveis, a responsabilidade da má tradução nas vendas frias de JGR. Este mesmo estudioso também mostra que JGR nem sempre ajudava a tradutora com suas sugestões – certas cartas indicam que ele não intuía boas opções em inglês – e opina que o que mais influenciou na reação do público leitor foi o fato de JGR ser um autor individualista e não essencialista (i.e. dando uma fórmula de identidade nacional) como os mais bem-sucedidos hispanos ou o antecessor brasileiro imediato, Jorge Amado. A correspondência de JGR (ROSA, 1967c) indica que, embora algumas traduções para o inglês lhe tenham agradado (cf. carta a Grossman elogiando *The Third Bank of the River* e satisfação com *Sagarana*), o autor ficou preocupado com a perda de poeticidade da versão de GS: V, mas aceitou (teve que aceitar) as traduções imperfeitas por serem veículos vitais.

O entusiasmo que JGR provocou no Brasil não tem tido repercussões verdadeiramente pan-americanas. Muitos escritores hispano-americanos proeminentes – e bem-sucedidos nos EUA – têm, sim, indicado a importância de JGR. Gledson (1994) observa, por exemplo, que Angel Rama (*La novela en América Latina*, de 1986) estabeleceu paralelos entre JGR e o peruano Arguedas e o mexicano Rulfo. Este, por sua parte, disse que o *Ulisses* da América Latina estava em JGR e que o romance brasileiro era o melhor do continente. O uruguaio Emir Rodríguez Monegal, professor de Yale chamado por Knopf de “alto sacerdote das letras latino-americanas” (ROSTAGNO, 1997, p.111), fez mais do que ninguém pela promoção de JGR através de abordagens críticas em espanhol e inglês, escrevendo em órgão importante que JGR demonstrou “maestria de uma forma em que não teve rival. Ele, sem disputa, é o maior romancista da América Latina” (MONEGAL, 1977, p. 679). Contudo, no processo de ascensão da narrativa latino-americana dos anos 60/70 nos EUA, JGR nunca foi plenamente reconhecido. Na avaliação de Gledson, Antonio Candido (em *A nova narrativa*) acerta em cheio ao afirmar que os brasileiros foram mormente uma presença simbólica no chamado *boom* do romance da América Latina, sendo JGR e Clarice Lispector citados com frequência, mas pouco lidos e compreendidos fora do Brasil. Todos concordam com o fato de que isto se deve em grande parte a seus estilos tão individuais, a sua extravagância estilística. Mas a falta de atenção dada a JGR também tem a ver com a lamentável separação dos assuntos culturais da América Hispânica dos do Brasil, refletida e reproduzida nos âmbitos literários e universitários dos EUA até hoje. O prefaciador do volume que inclui *My Uncle the Jaguar* (ROSA, 1996b – *Meu tio o iauaretê*), um mexicano auto-exilado que leciona nos EUA, limita-se a dizer que o obscuro “JGR teve a má fortuna de nascer na esfera lingüística e nacional errada” (STAVANS, 1996, p. xxi), mostrando um preconceito que supõe ser a língua espanhola a que *deve* orientar o mercado literário latino-americano em tradução.

Apesar de tais dificuldades, alguns hispanistas têm dado notáveis contribuições à crítica rosiana nos EUA. Esta começa com o trabalho pioneiro de Mary Lou Daniel

(1968), que durante toda sua carreira foi a maior especialista em JGR nos EUA e cujo livro é merecidamente valorizado no Brasil. Além desse, Garcia documenta escasso material nos EUA até 1971. De meados dos anos 70 em diante, brasilianistas e hispanistas que também estudam letras brasileiras produzem valiosos estudos, amiúde em espírito continentalista ou comparatista. Um ensaísta notável conclui que “a linguagem em Rosa é a *honneur des hommes* de que Valéry fala, não matéria bruta para ser coada e purificada, mas energia natural que mostra o *status* dinâmico do homem” e que ela nos lembra que nada é fixo, o mundo é fluxo (MAC ADAM, 1977, p. 69), enfim, pode-se acrescentar, travessia. Capítulos de Dixon ([19--]) e outros também versam sobre GS: V. Merrim, aluna de Monegal, elaborou excepcional tese estudando GS: V como romance de linguagem; escreveu também um artigo que sintetiza a crítica feita sobre o livro para lhe dar uma interpretação global, e um artigo fundamental sobre *Sagarana* como sistema de contos (ver MERRIM, 1983a, 1983b, 1983c). Os estudos nos anos 80 e 90 incluem uma abordagem das cantigas em GS: V e uma apreciação de *São Marcos* e *Meu tio o iauaretê* através do prisma do realismo mágico (PERRONE, 1990, 1992). Valente, autor de tese sobre JGR e Faulkner, vem publicando estudos comparatistas e temáticos sobre JGR em órgãos variados (ver VALENTE, 1986, 1988, 1989, 1991, 1995).

Um dos caminhos mais promissores para os estudos rosianos é o trabalho de McGuirk. O teórico admira sobretudo “A terceira margem do rio” porquanto o texto é uma performance de uma “des-estabilização” [*unsettling*] dos “binários provisórios” que orientam a crítica. Expressa um desejo por “situar [JGR] na linha desafiadora de pensadores do ‘terceiro termo’”, cujas dimensões seriam o tempo, o espaço, e o outro que habitamos. Segundo este termo apropriado para JGR, afirmações do potencial e da relatividade são tidas como produtivas e reconhecem-se “binários des-estabilizadores”, tanto desarticulando dicotomias como história-textualidade, ideologia-epistemologia, e naturalismo-teoria, quanto valorizando a tradução como veículo para tal meta, nisto colaborando a crítica mineira Vieira. A oferta feita pelo personagem rosiano de ficar no lugar do pai na canoa é relacionada à especulação de Derrida sobre os significantes flutuantes, as ilhas flutuantes. A imagem final do “rio-rio-rio” desafia o binário das margens, e a terceira margem não fica como possibilidade e sim como necessidade. A “meditação de JGR introduz a *kinesis* da instabilidade à frase virtualmente intraduzível ‘rio abaixo, rio a fora, rio a dentro’” e o sistema fluvial

sempre terá a terceira margem – a da potencial. Então a textualização – ficcional, narrativa, histórica – do terceiro termo ecoa tanto poética quanto eticamente por *espaços* latino-americanos, europeus, latino-americanos como o jogo da interpenetração do *eu* no outro no *eu* sempre atravessa, *trans* (atlanticamente) somente como termo da provisionalidade pronto a ser des-estabilizado. (MCGUIRK, 1997, p. 234 e 248-9)

Numa simplificação destas abstrações, o conto de JGR provê uma metáfora mestra que se liga à perspectiva internacionalista e ao tropo que orienta a obra toda de JGR: travessia.

Em âmbito mais pragmático, ao se fazer um levantamento na bibliografia da principal associação profissional, a *Modern Language Association* (MLA), de 1998, a rubrica “Rosa, João Guimarães” rendeu 386 itens secundários, dentre os quais teses nos EUA, capítulos em livros nos EUA (5), e livros (43); artigos publicados no Brasil, Estados Unidos, e mais alguns poucos alhures. Do total, 62 itens (16%) estão escritos em língua inglesa. Das teses (13), só quatro versam exclusivamente sobre JGR, sendo a tendência dominante a abordagem comparatista, havendo comparações com norte-americanos como Melville e Faulkner, europeus como Calvino e Butor, e latino-americanos como Cortázar, Rulfo, Fuentes, Carpentier e Vargas Llosa (ver COUTINHO, 1991 e 1980; DANIEL, 1968; DIXON, [19--]; MERRIM, 1983a; WOLFF, 1985). Dos 75 itens sobre JGR relacionados no catálogo da Biblioteca do Congresso, há apenas um livro sobre JGR em inglês de autor norte-americano (VINCENT, 1978) e um outro livro que é tese de um brasileiro (COUTINHO, 1991); os dois livros em inglês com 50% de conteúdo rosiano são também trabalhos preparados para o grau acadêmico superior (MERRIM, 1983a; COUTINHO, 1980). Há registros de apenas três simpósios (ou sessões especiais) sobre JGR de 1973 para cá, um por década – “*Contemporary Brazilian Fiction: Guimarães Rosa and Clarice Lispector*”, Universidade de Houston, Texas, 1973; “*JGR: a symposium*”, Yale University, 1984; e “*JGR in International Perspective*”, sessão especial do congresso MLA, 1994. Na disciplina chamada na MLA de Língua e Literatura Luso-Brasileira, JGR tem sido objeto de estudo constante, mas embora seja “autor chave” em seu próprio campo, JGR é, em contexto mais amplo, o que se costuma chamar de “autor negligenciado” ou “autor principal subestudado.”

Quanto à inserção curricular, Wilson Martins deu início aos estudos rosianos nas faculdades de EUA como professor em Wisconsin e NYU nos anos 60. No final da década, Heitor Martins ministrou cursos sobre JGR ao treinar futuros professores de letras brasileiras em várias universidades, estabelecendo-se em Indiana. Nos anos 70/80 outros professores visitantes contribuíram à compreensão de JGR: Fábio Lucas publicou ensaios relevantes quando lecionou nos EUA (ver LUCAS, 1969); Haroldo de Campos destacou a criatividade de JGR na Universidade do Texas em duas ocasiões; e o rosianamente perspicaz Benedito Nunes deu aulas na mesma Texas e na Universidade de Vanderbilt. Além de Mary Lou Daniel (Wisconsin), outros professores norte-americanos já aposentados como Fred Ellison (Texas) e Claude Hulet (UCLA) davam seminários sobre JGR até há pouco. Hoje, só alguns novos professores insistem em dar continuidade à ênfase curricular em JGR. Dentre mais de 30 dos principais professores de letras brasileiras na América do Norte aos quais foi enviado um questionário, só dois indicam oferecer hoje um seminário dedicado a JGR; quatro

indicam dar uma aula enfocando JGR na qual também tratam de mais um ou dois autores. Todavia, todos incluem JGR em cursos abrangentes de literatura brasileira (desde o curso de primeiro semestre até os exames para doutorado). A preferência de quase todos os cursos introdutórios ou mais avançados é o conto, com destaque para *A terceira margem do rio*. Queixam-se alguns de não poderem usar as traduções devido a sua qualidade precária ou à não-disponibilidade, e a maioria indica que a dificuldade de GS: V no original impede que o livro seja adotado por uma classe. JGR sempre será incluído no currículo universitário, mas certas circunstâncias teriam que mudar para que se retornasse à condição anterior de seminários rosianos e elaboração de teses.

Para a utilização de textos de JGR em sala de aula nos EUA, seria melhor que houvesse glossários que facilitassem a leitura de obras de léxico inusitado. Um exemplo disto foi dado há anos por Paulo Rónai. Quando foi professor visitante de literatura francesa na Universidade da Flórida, também deu palestras sobre JGR e lecionou literatura brasileira. Para ajudar os leitores jovens de “Campo Geral”, ele escreveu um glossário das palavras pouco usuais ou inovadoras (RÓNAI, 1967), contactando o próprio JGR para lhe pedir esclarecimentos de alguns termos – a essa troca de cartas o crítico se refere em *Seleção* (RÓNAI, 1973). Pouco depois, JGR morreu e Rónai assumiu a organização das obras póstumas do autor. Continuou juntando material sobre JGR, mas nunca publicou uma versão final das notas sobre o conto. Estas, com autorização da família, deverão ser atualizadas à luz de novas informações e publicadas em órgãos apropriados. Trabalhos semelhantes deveriam ser feitos com contos centrais, como “Meu tio o iauaretê,” cuja tradução existente, lembrando o acontecido nos anos 60, funciona no nível do significado, mas revela pouco esforço por esculpir o significante de modo combinatório e audaz tal como está no original.

Atualmente, a discussão crítica dominante nos EUA não enfoca, como em décadas passadas, a experimentação estrutural ou formal, área em que JGR figurava entre os mais importantes. Cresceriam hoje os estudos rosianos se inseridos nos debates sobre a “diferença”, a “hibridéz,” e a “pluralidade”. JGR bem que poderia ser visto em tais contextos. Estratégias de JGR – como as apropriações de outras línguas, desfigurações radicais, e deslocamentos de fenômenos regionais – conformam sobretudo um imperativo transcendente, mas este se finca em relações materiais e humanas diversas e historicamente significativas. Em JGR, a subversão e a inovação textuais envolvem uma multiplicidade lingüística (euro-, ibero-, afro-, asiático-, indígena) que permite atingir recentes interesses no multiculturalismo e a formação sociocultural. Quanto à tradução, ficam por se fazer os contos restantes, e tanto os segmentos de *Corpo de Baile* como um novo GS: V podem e devem ser trabalhados a partir de um conceito de transferência mais atento à natureza mineira, brasileira, sul-americana, e universal de JGR.

PERRONE, C. A. The Third Bank of the Devil: North American Reception of the Work of João Guimarães Rosa. **Itinerários**, Araraquara, n. 21, p. 89-98, 2003.

- **ABSTRACT:** *This article aims to evaluate significant issues in the critical reception of João Guimarães Rosa (JGR), including translation, public reaction, press accounts, academic criticism and university teaching in North America. The writer paid close attention to all the details of his reception abroad, intervened in the translation process, and kept up correspondence with translators. English-language versions had little success. Attributing this to the low quality of the translations, notably *The Devil to Pay in the Backlands*, is to simplify the case. The books were supported by an energetic US publisher, and most reviews were quite positive. Beyond market factors, the fate of JGR in the US as an author and as a subject of academic inquiry has had much to do with the unique character of the originals and with the relationship of JGR to the boom of Spanish American fiction. Journalistic criticism in the 1960s was naturally limited, but since then JGR has maintained a presence in university curricula and specialized criticism, both comparatist and Brazilianist, including visiting and resident Brazilian professors. Possibilities for expanding JGR studies are pondered.*
- **KEYWORDS:** *Guimarães Rosa; 'Grande Sertão: Veredas'; reception; translation.*

Referências

- ARMSTRONG, P. **Third world literary fortunes:** the international reception of Brazilian culture. Lewisburg: Bucknell UP. In Press.
- COUTINHO, E. **The synthesis novel in Latin America:** a study on João Guimarães Rosa's 'Grande Sertão: veredas'. Chapel Hill: Dept. Romance Languages, 1991.
- _____. **The process of revitalization of the language and narrative structure in the fiction of João Guimarães Rosa and Julio Cortázar.** Valencia: Albatros Hispanófila, 1980.
- DANIEL, M. L. **João Guimarães Rosa:** travessia literária. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.
- DIXON, P. B. Transverse and universe in 'Grande sertão: veredas'. In: _____. **Reversible readings:** ambiguity in four modern Latin American novels. Alabama: Alabama Univ. Press, [19--].
- GARCIA, F./ Guimarães Rosa nos Estados Unidos. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, p.10-11, 8 fev. 1975a.
- _____. Guimarães Rosa nos Estados Unidos. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, p.10, 15 fev. 1975b.
- _____. Guimarães Rosa nos Estados Unidos. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, p.10, 22 fev. 1975c.
- _____. Guimarães Rosa nos Estados Unidos. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, p.8, 15 mar. 1975d.

- GLEDSON, J. Brazilian prose from 1940 to 1980. In: _____. **Cambridge History of Latin American literature.** Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1994.p.198-9.
- HARSS, L. ; DOHMANN, B. João Guimarães Rosa or the Third Bank of River. In: _____. **Into the maistream:** conversations with Latin American writers. New York: Harper and Row, 1967.p.137-72.
- LUCAS, F. Cultural aspects of Brazilian literature. **TriQuarterly**, v.13/14,p.33-53, 1968/69.
- MACADAM, A. Honneur des hommes. In: _____. **Modern Latin American narratives:** the dreams of reason. Chicago: Chicago Univ. Press, 1977.p69-77.
- MACGUIRK, B. **Latin American literature:** symptoms, risks, and strategies of post-structuralist criticism. London: Routledge, 1997.
- MARTINS, W. Structural perspectivism in Guimarães Rosa. In: MARTINS, H. (Org.). **The Brazilian novel.** Bloomington: Indiana UP, 1975.
- MERRIN, S. The art preface in Guimarães Rosa's Tutaméia. **Review**, v.29,p.10-2, 1981.
- _____. In the wake of the word: translating Guimarães Rosa. **Dispositio**, v.7, n.19/21,p.209-15, 1982.
- _____. **Logos and the word:** the novel of language and linguistic motivation in 'Grande sertão: veredas' and Três Tristes Tigres. New York: Peter Lang, 1983a.
- _____. 'Sagarana': a story system. **Hispania**,v.66,n.4,p.502-10, 1983b.
- _____. 'Grande sertão:veredas' a mighty maze but not without plan. **Chasqui**,v.13,n.2,p.32-68, 1983c.
- MEYR-CLASON, C. Guimarães Rosa. **Suplemento Literário de Minas Gerais**,v.3,n.17,p.6-8,23 nov. 1968.
- MONEGAL, E. R. (Org.). **The borzoi anthology of Latin American literature 2:** the twentieth century from Borges and Paz to Guimarães Rosa and Donoso. New York: Alfred Knopf, 1977.
- PERRONE, C. A. Endless passage: Guimarães Rosa. In: KING, J. (Ed.). **Modern Latin American fiction:** a survey. New York: Noonday, 1987.p.117-35.
- _____. Lyrical passage(s): verse, song, and sense in 'Grande sertão: veredas'. **Luso Brazilian Review**,v.27,n.1,p.47-61, 1990.
- _____. João Guimarães Rosa through the prism of magic realism. In: JOHSON, R. (Org.). **Tropical paths:** modern Brazilian narrative. New York: Garland Publishing, 1992.p.101-22.
- RÓNAI, P. (Org.). **Guimarães Rosa:** seleta. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.
- _____. **Notas para facilitar a leitura de 'Campo geral'.** Universidade da Flórida, 1967. (Mimeografado).
- ROSA, J. G. The duel. Tradução de Harriet de Onís. **Noonday**,n.3,p.24-52, 1960.
- _____. **The devil to pay in the backlands.** Tradução de Harriet de onís. New York: Alfred Knopf, 1963.

- _____. The Third Bank of the River. In: _____. **Moder Brazilian short stories**. Tradução de William Grossman. Berkeley: California Univ. Press, 1967a.
- _____. The Third Bank of the River. In: COHEN, J. M. **Latin American wrting todday**. Tradução de William Grossman. Baltimore: Penguin, 1967b.
- _____. Carta a William Grossman: transcrição parcial. **Saturday Review**, p.20, 1967c.
- _____. The Third Bank of the River. In: HOWES, B. (Org.). **The Eye of the heart**: short stories from Latin America. Tradução de William Grossman. New York: Aon, 1973.
- _____. The Third Bank of the River. In: AVANCINI, P. M. N. (Org.). **The borzoi anthology of Latin American Literature2**: the twentieth century from Borges and Paz to Guimarães Rosa and Donoso. Tradução de Barbara Shelby. New York: Alfred Knopf, 1977.
- _____. There, on the grasslands. Tradução de Alex Levitin. **The Literary Review**,v.21,n.2,p.155-9, 1978.
- _____. The Third Bank of the River. In: COLCHIET, T. (Ed.). **A hammock beneath the mangoes**: stories from Latin America. Tradução de Barbara Shelby. New York: Dalton, 1991.
- _____. The Third Bank of the River. In: ECHEVARRIA, R. G. (Org.). **Latin American short stories**. Tradução de Barbara Shelby. Oxford: Oxford Univ. Press, 1996a.
- _____. My Uncle the Jaguar. In: CANFIELD, C. (Org.). **Masterworks of Latin American short fiction**: eight novellas. Tradução de Giovanni Pontiero. Bouldier: Westview Press, 1996b.p.304-42.
- ROSTAGNO, I. **Searching for recognition: the promotion of Latin American literature in the United States**. Westport: Greenwood Press, 1997.
- STAVANS, I. Introdução. In: CANFIELD, C. (Org.). **Masterworks of Latin American short fiction**: eight novellas. Boulder: Westview Press, 1996.
- TOLMAN, J. The generation of contemporary Brazilian literature. **The Literary Review**, v.21,n.2,p.135-48, 1978.
- VALENTE, L. F. Affective response in 'Grande sertão: veredas'. **Luso-Brazilian Review**, v.23,n.1,p.77-88, 1986.
- _____. The prefaces of Tutaméia. **Hispanic Review**,v.56,n.3,p.349-62, 1988.
- _____. Against silence fabulation and meditation in João Guimarães Rosa and Italo Calvino. **Modern Language Studies**,v.19,n.4,p.82-92, 1989.
- _____. Variation on the kenotic hero: Tolstoy's Ivan Ilych and Guimarães Rosa's Augusto Matraga. **Symposium**: Quarterly Journal in Modern Literatures,v.45,n.2,p.126-38, 1991.
- _____. Marriages of speaking and hearing: meditations and response in 'Absalom, Absalom' and 'Grande sertão: veredas'. **The Faulkner Journal**, v.11,n.1/2,p.149-64, 1998.
- VINCENT, J. S. **João Guimarães Rosa**. Boston: Twayne, 1978.
- WOLF, M. T. The narrative In/Im Pact. In: _____. **The telling situation**. 1985. Dissertation (PhD Dissertation), Yale University, Yale.

